A Interminável Tarefa Taxonómica é o título da exposição de João Paulo Serafim apresentada no Museu Municipal de Faro e que resulta da aglutinação de dois trabalhos de pesquisa realizados nos últimos anos pelo artista . De um lado a "Invenção da Memória", um projeto que vai desde o ano de 2010, altura em que João Paulo Serafim incide o seu olhar sobre o património cultural português numa pesquisa sobre o funcionamento museológico, através das imagens dos acervos e arquivos. Do outro lado temos "A Certain Idea of Natural History", um trabalho que vem sendo desenvolvido desde 2015 sobre os elementos da natureza objeto, de construção humana, e que foi aprofundado com a residência artística na ilha de S. Miguel no arquipélago dos Açores.
Em ambos está subjacente a curiosidade de João Paulo Serafim em relação aos modos de organização e processamento de informação visual nos museus. Explora e pesquisa o processo de seleção das obras, animais e objetos para a construção das coleções e a criação de memória sem, no entanto, deixar de abordar elementos de maior complexidade, como as relações de poder e dominação, assim como a questão da preservação das espécies.

I. A taxonomia é o campo da ciência que diz respeito à classificação e categorização, especialmente de organismos. A palavra é composta pelas palavras gregas "taxis" que significa organização e "nomia" que significa método. Apesar da classificação de organismos remontar ao tempo de Aristóteles (Grécia, 384-322 a.C.) terá sido apenas no século XVIII que o conceito se modernizou com a solução encontrada pelo botânico Carl Linnaeus ao implementar um sistema de nomenclatura binominal de espécies animais e de plantas. Antes deste sistema de classificação ser implementado, por altura das grandes explorações dos séculos XVI e XVII no contexto europeu, foram criados os primeiros gabinetes de curiosidades onde objetos e artefactos, mantidos por elites, representavam o mundo diverso e exótico que se pretendia conhecer e possuir, mas que se encontrava distante. Estes gabinetes de curiosidades precederam as instituições museológicas que conhecemos atualmente. Daqui podemos afirmar que o sistema de classificação e categorização se aplica às espécies e aos conteúdos dos museus, o que faz com que as duas séries de trabalhos expostas estejam relacionadas.

II. À semelhança do artista americano Mark Dion, que dedica grande parte do seu trabalho artístico à investigação dos sistemas de classificação nas ciências naturais e nas práticas museológicas, também João Paulo Serafim aborda estes assuntos com uma mistura de admiração, ceticismo e distância crítica. Os dois artistas perseguem esta ideia de que o estudo das tradições do colecionismo do passado pode guiar-nos ao entendimento de onde nos encontramos hoje. Mostram-nos esse dispositivo museológico ligado à extinção e preservação das espécies, às descobertas e, inevitavelmente, ao colonialismo. Tal como Dion, também João Paulo Serafim investiga as culturas das coleções de história natural; mas em vez da apresentação dos seus trabalhos ser por via da instalação fá-lo através da fotografia e vídeo. O resultado são as primeiras imagens com que nos deparamos logo à entrada da exposição.

III. As obras de fotografia relacionadas com o interior dos museus fazem-nos lembrar as imagens de Candida Höfer, uma das mais consagradas artistas no campo da fotografia e antiga aluna da famosa Escola de Fotografia de Düsseldorf, ou a Escola dos Becher, como também era conhecida, numa alusão ao conhecido casal de artistas e professores alemães, Hilla e Bernd Becher. A partir desta escola, a fotografia, apresentada numa escala e complexidade equiparada à pintura histórica, ganha o seu lugar ao lado de outros movimentos artísticos. Assim, tal como Höfer, João Paulo Serafim procura a perfeição técnica nas suas imagens e tem uma abordagem conceptual quando fotografa os espaços públicos como museus ou bibliotecas. Imagens compostas de forma meticulosa, mas que, ao contrário da artista alemã, não é tanto sobre arquitetura interior e o papel dos indivíduos ausentes nesses espaços, mas sobre o conteúdo, o chamado acervo desses espaços e o seu papel na construção da memória coletiva, ao mesmo tempo que reflete sobre os bastidores dos mesmos.

IV. A coleção de pássaros do núcleo de história natural do museu Carlos Machado pertence a um acervo que começou a ser constituído no século XIX por naturalistas e vários micaelenses de prestígio social e intelectual, conforme vem referido na página da internet do próprio museu. Numa das fotografias da exposição, um conjunto de espécies de papagaios e outras aves devidamente arrumados numa vitrine e

divididos por grupos permite-nos contemplar as cores destes animais deslumbrantes e frágeis. Tornam-se quase pictóricos, mas ao mesmo tempo não saem do estatuto de meros objetos. Ao lado, a segunda imagem de maior dimensão, mostra-nos o que parece ser a zona do acervo do Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa, respeitante à série de trabalhos "Invenção da Memória". No centro desta imagem estão pinturas de retratos do que parece ser a aristocracia da altura, de episódios bíblicos e até de naturezas mortas. Tratam-se de obras em depósito no museu e que de certa forma o define; obras essas que esperam a sua vez para serem mostradas ao público. Nestas duas imagens, que correspondem às duas séries de trabalho do artista, há uma preocupação com o equilíbrio da composição, uma procura pela atmosfera adequada, como se tratasse de uma pintura, à semelhança do que outro artista formado na Escola dos Becher, o alemão Thomas Struth, fez na sua série museus. Esse estudo de luz e cor é ainda mais percetível quando seleciona uma das aves embalsamadas da família Psittacidae da vitrine e a isola, conforme se pode observar na obra Ave #1. A partir daqui é como se trabalhasse com um modelo em estúdio. Posiciona-a de perfil para a câmara, devidamente centrada e iluminada, testando a cor de fundo através de folhas ou cartolinas.

V. A fotografia, apesar de ser o media mais presente no trabalho de João Paulo Serafim, não é suporte exclusivo nestas séries de trabalhos. No vídeo "Extinct Birds", voltamos a olhar para essas aves ao mesmo tempo que somos confrontados com números de estatísticas das espécies ameaçadas e em vias de extinção, obtidas através do site *European Red List of Birds*. A imagem dividida numa espécie de díptico mostra-nos de um lado aves embalsamadas e do outro fita-cola e fita de emergência sobre fundos coloridos com referências à Pop Art. Neste vídeo o artista apropria-se ainda de imagens obtidas pela internet, de livros técnicos sobre aviação e cinema, como no filme "The Birds" de Alfred Hitchcock, abordando questões como ação do homem nas alterações climáticas e os seus efeitos nas migrações das aves. Uma combinação entre o ficcional e o real na abordagem da ação humana sobre o natural e que revela uma preocupação iminente do artista em relação ao mundo.

VI. Na ala central da igreja deste antigo Convento de Freiras, que data do século XVI, onde se encontra instalada a exposição, encontramos um

conjunto de imagens agrupadas e que nos remete para o *Behind the Scenes* de um museu. São fotografias de obras em depósito em museus, de suportes e material de exposição, de caixas de transporte de obras, de maquetes do espaço expositivo museológico, de tabelas de parede, da equipa de produção em ação. É como se o artista fizesse o registo do funcionamento museológico e expusesse os seus mecanismos internos para consciencializar o público acerca da construção narrativa que está por trás dos museus, a tal "invenção da memória".

VII. Chegando à zona do altar, onde se encontra a cúpula barroca, surge-nos a imagem imponente de um pavão-azul, animal com forte carga simbólica e religiosa. Se dúvidas houvesse, o facto de estar em equilíbrio sobre placas de esferovite e livros, revela-nos que também esta ave exótica foi submetida ao processo de taxidermia. Vemo-la a exibir as penas da cauda onde as cores e formas das plumas encontram relação com um objeto *ready made* dos anos 60, uma caixa de cartão de lâminas de x-ato, que João Paulo Serafim guarda e nos apresenta como abstração de formas e cores. Em frente, a projeção *Blue Peacock* em slides com filtros azuis que passam por todas as tonalidades do pavão-azul sobre ecrã em acrílico, cria o ambiente celeste e etéreo enquadrado no espaço do altar.

VIII. Por fim, a exposição de João Paulo Serafim leva-nos a esta ideia de relação complicada e conflituosa entre natureza e instituições museológicas reunindo aspetos como a descoberta e a preservação, a extinção e colonização. Permite-nos ainda tomar consciência que o museu é também uma encenação de uma certa visão e ideia do mundo que nos coloniza a nós e à nossa consciência.

Susana Rodrigues, 2023